

meus ombros se retesavam não pelo que eu via, mas no afã de captar ao menos uma palavra. Palavra? Sem a mínima noção do aspecto, da estrutura, do corpo mesmo das palavras, eu não tinha como saber onde cada palavra começava ou até onde ia. Era impossível destacar uma palavra da outra, seria como pretender cortar um rio a faca. Aos meus ouvidos o húngaro poderia ser mesmo uma língua sem emendas, não constituída de palavras, mas que se desse a conhecer só por inteiro.

No romance *Budapeste*, de Chico Buarque de Holanda, a personagem principal, o *ghost writer* José Costa, se vê diante de um jornal de televisão em que uma camponesa húngara está sendo entrevistada. José tenta entender alguma coisa e tem uma experiência que seria potencialmente semelhante a de um bebê recém-nascido ouvindo fala natural ao seu redor: não consegue entender

rigorosamente nada, como é tão bem descrito por Chico no excerto acima.

Porém, há uma diferença crucial entre o adulto, José Costa, tentando entender o húngaro, e um bebê, tentando entender a língua de sua comunidade. É que em poucos dias o bebê já começa a fazer progressos, independentemente de se ele ouve húngaro, mandarim, swahili, português ou russo. E, em 24 meses, ele já fala. Enquanto isso, para que um adulto comece a destrinchar o húngaro, mesmo tendo aulas, ele pode levar muitos anos, e o produto final raramente é perfeito e altamente passível de erosão. A gente esquece as línguas que aprende depois da infância.

Uma das razões pelas quais o desenvolvimento da linguagem é tão espantoso é que a língua mãe nunca é ensinada explicitamente para os bebês. Deitados no bercinho, no colo dos pais, ainda sem nenhum conhecimento do mundo, mas já fora da penumbra e proteção uterinas, os bebês desenvolvem talvez o sistema cognitivo mais complexo de todos, sem nenhum esforço, muito rapidamente e sem precisarem de instrução. Aliás, mesmo que algum pai aflito insista em ajudar seu bebê a falar, as ferramentas do ensino explícito não funcionam com esse indivíduo que dorme a maior parte do tempo, ainda não conhece os objetos e nem possui metalinguagem para pensar sobre o pensar. Então, como os bebês aprendem tão rápido? Como conseguem conversar aos 36 meses?



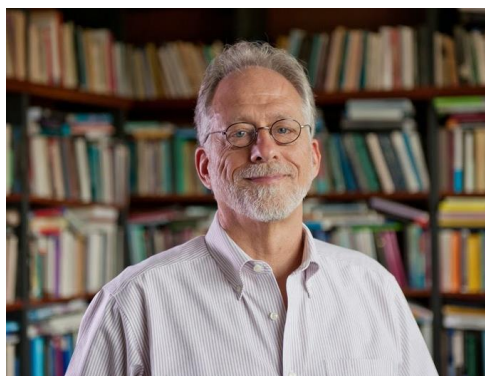
A aquisição de linguagem é realmente um mistério que começou ser melhor desvendado só nas últimas décadas. Na verdade, os pesquisadores defendem que muito da rapidez e eficiência do processo vem do fato de que mesmo antes de nascerem, ainda enquanto habitam o útero, os bebês já são expostos a informações linguísticas prosódicas e começam a moldar o conhecimento de sua língua nativa. Recém-nascidos de dias apenas demonstram preferência por ouvir fala e não outros sons e já são capazes de discriminar línguas de nas três classes rítmicas: de acentuação tônica, silábica ou moraica.

Desde os primeiros meses de vida, os bebês distinguem todos os contrastes fonêmicos, mesmo que esses não estejam sendo utilizados na língua materna deles. São o que poderíamos falar de falantes universais em

potencial. Mas, logo depois disso, antes mesmo de completarem o primeiro ano de vida, os bebês se especializam só nos contrastes utilizados na língua materna deles. Assim, eles perdem abruptamente a capacidade de distinguir os contrastes fonêmicos não nativos. Para lembrá-los vou citar um exemplo que examinamos na aula, do experimento da pesquisadora canadense, Janet Werker. Ela expos bebês canadenses do mês de nascimento aos 4 meses ao som do [t] do inglês e ao som do [t retroflexo] do hindi e os monitorou com o método HASP (*high amplitude sucking paradigm*) ou chupetógrafo. Os bebês sugam a chupeta mais rapidamente e com mais força quando são expostos a alguma coisa nova. Werker verificou em um número grande de bebês que os dois fonemas testados eram percebidos como fonemas diferentes pelos bebês até o fim do 9º mês. Porém ao início do 10º mês, os bebês começaram a achar que o [t] retroflexo não era um fonema, mas sim um alofone do [t] do inglês canadense, isto porque não existe este [t] retroflexo na língua deles. Então eles perderam a capacidade de distinção entre os dois fonemas. Este mesmo experimento, feito com uma outra metodologia, chamada olhar preferencial, pode ser visto no Youtube ( <https://youtu.be/WvM5bqUsbu8>).

Apesar da maioria dos bebês não falar ainda até o primeiro aniversário, eles conhecem perfeitamente muitos aspectos da estrutura sonora de sua língua aos 6-12 meses. Esse aprendizado sobre regularidades na fala revela habilidades perceptivas e analíticas impressionantes, de tal forma que hoje é um dado que bebês, já conhecem o significado de muitas palavras aos 5, 6 meses e podem até classificá-las como nome ou verbo ou como palavras funcionais ou de conteúdo. Isto acontece meses antes de começarem a falar.

Há duas correntes que tentam explicar esses feitos incontestáveis. De um lado, a biolinguística que veio com a Teoria da Gramática Gerativa propugnada pelo linguista Noam Chomsky. Do outro, a Linguística Funcional ou socio-interacional defendida pelo psicólogo Michael Tomasello.



Noam Chomsky(1928 / ) Michael Tomasello (1950/ )

Para Chomsky, a criatividade linguística é ilimitada. Porém, essa criatividade está circunscrita aos primitivos da linguagem que estudamos no Módulo 3: os sintagmas e as operações de merge, podem ser aplicadas infinitamente. Assim, Chomsky volta à Humboldt que demonstra a

infinitude discreta da linguagem: a partir de **primitivos finitos** e das regras da Gramática Universal (GU), que vislumbramos nas aulas de sintaxe (Terceiro Módulo), **conseguimos formar infinitas sentenças**.

Para testar esta capacidade natural do ser humano, dois linguistas ingleses, Neil Smith (University College of London) e Ianthi Maria Tsimpli (Cambridge University) fizeram um experimento. Eles criaram uma língua, o epun, que incluía regras “impossíveis”, regras que não estão em nenhuma das 6-7 mil línguas que existem hoje em dia no mundo. Ou seja, regras que ignoravam as relações estruturais recursivas. O candidato escolhido para ser o participante do experimento foi o poliglota Christopher, acometido pela Síndrome de Savant, uma condição rara que dota as pessoas portadoras com habilidades excepcionais em áreas específicas: a de Christopher era uma habilidade extraordinária para adquirir línguas. Aos 11 anos, Christopher já podia ler,

escrever, traduzir e se comunicar em cerca de quinze idiomas diferentes (Cf. a interação do Professor Smith com o Christopher, já adulto, em <https://www.youtube.com/watch?v=hVfyZVaH9ag>).

Os pesquisadores apresentaram a Christopher construções que incluíam uma regra anômala não GU: a sufixação de uma partícula enfática à terceira palavra na sequência linear da sentença, independentemente de qual fosse sua categoria. Por exemplo digamos que a sentença seja

1. João tinha vinte irmãos [Sem ênfase]  
1 2 3
2. João tinha vinte**po** irmãos [Com ênfase]  
3aps vpass número+sufixo enfático
3. \* João tinha quase vinte**po** irmãos

Ou seja, para a aplicação da regra era necessário contar a ordem de aparecimento linear da palavra que iria sofrer a regra e ver se esta palavra-alvo seria a terceira na ordem linear. Isto é o caso em 1 e 2, mas não em 3. Em 3, “vinte” é a quarta palavra e, portanto, a aplicação da regra de adição do sufixo **po** seria agramatical (\*).

De fato, como previsto pela Gramática Gerativa, Christopher exibiu extrema dificuldade para inferir essa regra e não conseguiu adquiri-la espontaneamente, nem com ensinamento. À parte críticas metodológicas a este estudo de caso, a dificuldade apresentada por Christopher em adquirir a regra não GU nos sugere que o conhecimento linguístico humano é fundamentalmente guiado por uma organização estrutural hierárquica, e não leva em conta regras lineares definidas de cima para baixo, como esta regra que conta o número da aparição serial de uma palavra na frase.

Contrastantemente, para Michael Tomasello (2006), não existiria um sistema de regras para estruturar sentenças (GU), mas sim um sistema de comunicação que captaria “um inventário estruturado de construções linguísticas significativas para a comunicação – incluindo tanto as palavras mais regulares como as regras para formar as estruturas mais idiomáticas em uma determinada língua. Todos esses casos seriam símbolos linguísticos significativos [que] são usados na comunicação, não havendo língua à parte deste inventário. O inventário é estruturado apenas em seus elementos. As palavras, expressões idiomáticas e sentenças seriam adquiridas por processos de descoberta de padrões, esquematizações e abstrações comuns aos primatas, e alguns outros processos comunicativos.”

A hipótese de Tomasello sustenta que os bebês possuem habilidades primatas gerais de imaginar os estados mentais dos outros, a chamada Teoria da Mente do Outro (ToM). Tomasello argumenta que a comunicação baseada em sistemas humanos de cooperação repousa sobre uma infraestrutura psicológica de intencionalidade compartilhada (atenção conjunta, terreno comum), desenvolvida originalmente para colaboração e formação de cultura em geral. A abordagem sócio-pragmática para a aprendizagem de palavras argumenta que as crianças não precisam especificamente de restrições linguísticas para aprender palavras, mas sim de habilidades sociocognitivas flexíveis e poderosas que lhes permitam entender as intenções comunicativas de outras pessoas (ToM) em uma ampla variedade de interações interativas.

Para testar isso, Tomasello testou bebês de 18 meses quanto à realização de atos não recompensados de ajuda instrumental de forma espontânea e flexível em diversas. Por exemplo, as crianças ajudaram um

pesquisador a recuperar um objeto fora de alcance, como uma caneta que ele tinha deixado cair acidentalmente no chão. Ou também ajudou aos pesquisadores a abrir portas de armário quando o experimentador não foi capaz de abri-las sozinho ([http://weebly-file/2/7/1/1/27113691/tomasello\\_altruism.mp4](http://weebly-file/2/7/1/1/27113691/tomasello_altruism.mp4)).

Estes são experimentos que definem os dois paradigmas mais importantes que guiam a pesquisa de aquisição de linguagem no mundo de hoje. Um resumo dos contrastes de cada um pode ser visto na tabela abaixo:

<b>NATUREZA (GRAMÁTICA GERATIVA)</b>	<b>AMBIENTE (SOCIOINTERACIONISMO)</b>
Neodarwinismo (Stephen J Gould – 1941/2002)	Darwinismo (Charles Darwin – 1809/1882)
adaptação + exaptação	adaptação
a linguagem surge na espécie coincidentemente com criatividade nos utensílios – protolíngua I	linguagem surge paulatinamente a partir da deixis, dos gestos - protolíngua de sinais
gramática universal (GU) dotação genética	neurônios espelho
computação recursiva inata ligada à sobrevivência	sociabilidade inata ligada à sobrevivência
centros de linguagem no cérebro	memória de uso conjunto e estatística
aquisição de linguagem – GU + dados primários	aquisição de linguagem – Teoria da Mente
período crítico	treino e fala direta para criança
<b>“Aquisição não é alguma coisa que a criança faz. É algo que acontece com a criança no seu meio”</b>	<b>“Não adianta você saber o que o outro pensa e o outro saber o que você pensa. É necessário que você saiba que ele sabe que você sabe.”</b>